

A 'vontade de aparência', ou o Kantismo de Nietzsche segundo Hans Vaihinger

Resumo

Hans Vaihinger (1852-1933) foi um dos primeiros a reconhecer a substância e a significação filosóficas da obra de Nietzsche e terá sido também o primeiro e um dos poucos até à actualidade a reconhecer não só a dívida efectiva de Nietzsche em relação a Kant como também uma profunda e essencial afinidade entre o pensamento nietzscheano e o pensamento kantiano, a qual não fora, enquanto tal, percebida, e ainda menos reconhecida e assumida, pelo próprio Nietzsche, mormente na sua fase mais madura de pensamento. Para além das palavras e apesar das palavras de Nietzsche contra Kant e contra a filosofia kantiana, o Professor de Halle consegue assim descortinar no autor de O anticristo um genuíno kantiano, mas de um "outro Kant" e talvez mesmo, segundo ele, do "autêntico Kant", que ele próprio também descobrira e revelara, aquele Kant que havia posto em evidência o papel fundamental e positivo das ficções em todas as criações do espírito humano que têm que ver não só com a ciência, a metafísica e a arte, mas também e sobretudo com a moral e a religião; em suma: o Kant do Als Ob.

Palavras-chave: Vontade de aparência . Como Se . Ficção . Nietzsche . Kant . Vaihinger

Abstract

Hans Vaihinger (1852-1933) was, in all likelihood, one of the first thinkers to recognize the philosophical substantiality and significance of Nietzsche's work, as well as the very first (of few) to testify not only Nietzsche's debt towards Kant, but also a profound and rather essential affinity between Nietzsche's and Kant's thought; an affinity long neglected, let alone admitted or assumed as such by Nietzsche himself, particularly during the mature phase of his thought. Beyond (and notwithstanding) Nietzsche's words against Kant and his philosophy, the Professor in Halle succeeds

* Professor de filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa –CFUL.

in discerning a true Kantian thinker in the author of The Anti-Christ; although, it must be said, a Kantian thinker who was influenced by "another Kant" altogether: perhaps, according to Vaihinger, the "authentic Kant", a Kant which he himself had also discovered and emphasized, the same Kant who had demonstrated the fundamental and positive role of fiction in all creations of the human spirit, regarding not only science, metaphysics or art, but also (and specially) moral and religion; in a word: the Kant of the Als-Ob.

Keywords: Will to appearance . As If . Fiction . Nietzsche . Kant . Vaihinger

1. Desafiar o inverosímil

Neste ensaio, proponho-me evocar uma das primeiras explícitas interpretações de "Nietzsche enquanto filósofo",¹ hoje praticamente esquecida, a qual, no seu ulterior desenvolvimento, viria a ter ainda a particularidade de, por assim dizer, desafiar o inverosímil. Com efeito, apesar das ensurdecedoras e geralmente muito pouco corteses críticas a Kant e à filosofia kantiana que se ouvem nos escritos nietzscheanos mais conhecidos, o intérprete de que vou falar foi capaz de reconhecer não só o filósofo que havia em Nietzsche, mas também uma ignorada genealogia kantiana do programa nietzscheano que se expôs sob o *topos* da "vontade de aparência" (*Wille zum Schein*). Mas é claro que isso só foi possível porque o intérprete que tal fez fora antes capaz de descobrir uma dimensão do pensamento kantiano e até mesmo um outro Kant que também não havia sido ainda descoberto e revelado.

Hans Vaihinger (1852-1933) foi, de facto, um dos primeiros a reconhecer a substância e a significação filosóficas da obra de Nietzsche e terá sido também o primeiro e um dos poucos até à actualidade a reconhecer não só a dívida efectiva de Nietzsche em relação a Kant como também uma profunda e essencial afinidade entre o pensamento nietzscheano e o pensamento kantiano, a qual não fora, enquanto tal, percebida, e ainda menos reconhecida e assumida, pelo próprio Nietzsche, mormente na sua fase mais madura de pensamento. Para além das palavras e apesar das palavras de Nietzsche contra

1 Hans Vaihinger, *Nietzsche als Philosoph*, Reuther & Reichard, Berlin, 1902. Hans Vaihinger, *Nietzsche als Philosoph. Eine Einführung in die Philosophie Friedrich Nietzsches*, edição com "Nachwort" por G. Bleick, Porta Westfalica, Norderstedt, 2002. Existe uma edição alemã da obra nos Reprints from the Collection of the University of Michigan Library.

Kant e contra a filosofia kantiana, o Professor de Halle consegue assim descortinar no autor de *O Anticristo* um genuíno kantiano, mas de um “outro Kant” e talvez mesmo, segundo ele, do «autêntico Kant», que ele próprio também descobrira e revelara, aquele Kant que havia posto em evidência o papel fundamental e positivo das ficções em todas as criações do espírito humano que têm que ver não só com a ciência, a metafísica e a arte, mas também e sobretudo com a moral e a religião; em suma: o Kant do *Als Ob*.²

De facto, se nos colocarmos à superfície dos textos e se exceptuarmos algumas expressivas declarações dos escritos nietzscheanos da primeira fase (fim dos anos 60 e início dos anos 70), o que se faz notadamente ouvir neles são os veredictos agressivamente anti-kantianos. Com efeito, nos fragmentos do *Livro do filósofo* (1873) é presença frequente aquele Kant que, com a *Crítica da razão pura*, pôs fim às pretensões e ilusões da ciência (do saber), e com isso “deixou o espaço vazio para o surgimento de um novo tipo de filósofo-artista capaz de criar uma obra de arte com valor estético”.³ Nesse Kant reconhece o jovem Nietzsche um pioneiro e um precursor da sua própria metafísica estética, na medida em que ele fez o trabalho prévio de “amestrar o instinto de conhecimento” e de assim abrir o caminho ao “reforço dos instintos morais e estéticos”; “impelido por uma necessidade de civilização, ele preservou do saber um domínio onde se encontram as raízes de tudo o que é mais elevado e mais profundo - a arte e a ética”.⁴ Mas esse Kant, “filósofo do conhecimento trágico que amestrou o instinto do saber, sem todavia erigir uma nova metafísica”,⁵ e que teria inspirado Schopenhauer, acaba por ser definitivamente soterrado e esquecido, anos depois, sob a imagem de um Kant moralista, acerca do qual

2 [Hans Vaihinger,] *Die Philosophie des Als Ob. System der theoretischen, praktischen und religiösen Fiktionen der Menschheit auf Grund eines idealistischen Positivismus*, Berlin, 1911. Na sua primeira edição, a obra foi publicada sem nome de Autor, que nela se apresentava apenas como seu Editor, só assumindo este a autoria da obra nas sucessivas edições. A melhor comemoração do primeiro centenário da publicação da obra de Vaihinger foi sem dúvida a publicação de uma excelente tradução portuguesa, assinada por Johannes Kretschmer, que também assina uma compreensiva Apresentação da obra, situando-a no seu contexto de recepção e mostrando a sua fecundidade: Hans Vaihinger, *A filosofia do como se. Sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade na base de um positivismo idealista*, Argos-Editora da Unochapecó, Chapecó, 2011.

3 “...seit der Kritik der reinen Vernunft... kann ich mir reine ganz neue Art des Philosophen-Künstlers imaginieren, der ein Kunstwerk hinein in die Lücke stellt, mit ästhetischen Wert.” *Das Philosophenbuch*, ed. bilingue, Garnier-Flammarion, Paris, p.60.

4 “Eine Kulturnot treibt Kant: er will ein Gebiet vor dem Wissen retten: dorthin liegt die Wurzeln alles Höchsten und Tiefsten, Kunst und Ethik.” *Ibidem*, p. 52.

5 “Der Philosoph der tragischen Erkenntnis. Er bändigt den entfesselten Wissenstrieb, nicht durch eine neue Metaphysik.” *Ibidem*.

se ouvem as mais sumárias e rudes acusações, que são bem conhecidas e que nos levantam a séria dúvida de se quem as profere alguma vez se deu ao trabalho de ler realmente os escritos do filósofo que assim tão duramente atinge com as suas contundentes palavras. E não nos vale de muito pensar que aquelas primeiras apreciações, francamente positivas e promissoras, compensam, apesar de tudo, a agressiva crueza do julgamento posterior. Porque é o próprio Nietzsche que, largos anos depois (1886), se encarrega de fazer a “Autocrítica” desses escritos de juventude, lamentando-se de não ter tido a coragem de exprimir neles a sua nova ideia numa linguagem verdadeiramente própria, tendo-se antes servido de linguagem alheia e das fórmulas de Schopenhauer e de Kant para dizer o que no fundo era contrário ao espírito e ao gosto destes.⁶ Só, pois, contrariando a auto-representação que o filósofo da “vontade de poder” fazia de si próprio é que se pode reconstituir e estabelecer a sua real genealogia. E aqui vale, por certo, aquela observação de Kant, proferida a propósito da sua própria interpretação de Platão, segundo a qual muitas vezes estamos em condições de entender e interpretar um autor muito melhor do que ele se interpretou a si mesmo.⁷

Mas, voltando à descoberta do Nietzsche filósofo e do Nietzsche kantiano, por parte de Vaihinger, a primeira coisa que há que dizer é que nem uma nem outra foram precoces e que também não foram simultâneas. Poderia perguntar-se se foi a atenção dada ao tópico do *como se* (*Als Ob*) kantiano que fez descobrir a dimensão filosófica de Nietzsche? Ou se foi antes a descoberta do Nietzsche filósofo que teve impacto na descoberta do *Als Ob* kantiano. Nem uma coisa nem outra. A primeira hipótese não se verifica, pois no seu livro sobre Nietzsche, cuja primeira edição é de 1902, ainda não se destaca como especialmente relevante o tema nietzscheano da “vontade de aparência” e da ficção, que constituirá o assunto do Apêndice à obra publicada em 1911. O tema da aparência (*Schein*) surge aí, por certo, mas ainda e só em relação com a doutrina schopenhaueriana da subordinação do entendimento e suas representações à vontade e da subsequente transformação por Nietzsche

6 F. Nietzsche, “Versuch einer Selbstkritik”, *Sämtliche Werke* (Kritische Studienausgabe in 15 Bänden), Hrsg. v. G. Colli u. M. Montinari, DTV/de Gruyter, Berlin, Bd. 1, 19: “Wie sehr bedauere ich es jetzt, dass ich damals noch nicht den Muth (oder die Unbescheidenheit?) hatte, um mir in jedem Betrachte für so eigne Anschauungen und Wagnisse auch eine eigne Sprache zu erlauben, - dass ich mühselig mit schopenhauerischen und kantischen Formeln fremde und neue Werthschätzungen auszudrücken suchte, welche dem Geiste Kantens und Schopenhauers, ebenso wie ihrem Geschmacke, von Grund aus entgegen giengen!”

7 *Kritik der reinen Vernunft* B 370, Akademie-Ausgabe, III, 246.

do conceito de “verdade”, por influência do darwinismo. Em contrapartida, são aí destacados os tópicos da “vontade de viver» (*Wille zum Leben*) e da “vontade de poder» (*Wille zur Macht*). E também a segunda hipótese – de uma possível influência da descoberta do Nietzsche filósofo na descoberta da importância do *Als Ob*, e, nomeadamente, na descoberta da importância e significado deste tópico na filosofia kantiana – deve descartar-se de todo. Em nenhum momento do seu Nietzsche-Buch, na 1ª edição de 1902, Vaihinger menciona como relevante para a sua interpretação sequer alguma eventual relação do profeta de Zaratustra com o filósofo crítico. Uma referência ao antikantianismo de Nietzsche só aparecerá num curto parágrafo do breve Apêndice à 3ª edição de 1905. Tudo indica que só depois desta data Vaihinger terá descoberto que havia uma linhagem kantiana de Nietzsche. Por outro lado, a descoberta por Vaihinger da importância do *Als Ob* em Kant é muito anterior à sua descoberta do Nietzsche filósofo. Num seu tardio ensaio de autobiografia intelectual (“Como nasceu a filosofia do como se”), ele informa que mesmo a III Parte Histórica da sua obra *A filosofia do como se*, no que concerne nomeadamente à resenha e comentário das ocorrências relevantes do *como se* (*Als Ob*) na obra de Kant, fora realizada entre os anos 1877 e 1879, embora muito provavelmente a redacção final dessa secção ou de partes dela seja posterior a 1906, já depois da cegueira que o acometeu e impediu de continuar a leccionar na Universidade. Da mesma forma que, presumivelmente, terá sido redigido também nesta última fase o “Apêndice sobre Kant e Nietzsche”, tudo o que teria ficado terminado na primavera de 1911. O carácter simultaneamente mais recente e novo deste último Apêndice diz-se no facto de ele ser expressamente nomeado na sequência do subtítulo da obra.⁸

2. Hans Vaihinger e a sua descoberta de Nietzsche como filósofo

No Prefácio à 1ª edição de *Nietzsche als Philosoph*, Vaihinger não tem pejo em confessar a sua tardia descoberta da importância filosófica da obra de Nietzsche. A oportunidade para essa descoberta terá sido uma conferência que proferiu numa reunião de docentes da sua universidade, em finais de

8 Pref. à 2ª ed (ed. de 1918, p. V): “Für den dritten, historischen Teil lagen zunächst nur die aus jenen Jahren stammenden Kollektaneen vor. Auf Grund dieser wurde nun der ganze dritte Teil neu niedergeschrieben. Die Belege S. 711-733 aus dem erst nach 1878 bekannt gewordenen nachgelassenen Aufzeichnungen Kants [*Opus postumum*] sind schon durch den kleineren Druck als späterer Zusatz gekennzeichnet. Dasselbe ist natürlich del Fall mit dem Abschnit über Nietzsche S. 771-790.”

Julho de 1899. O que concorda com o que escreverá no Prefácio à 2ª edição de *Die Philosophie des Als Ob*, onde revela que o encontro com a filosofia de Nietzsche foi vivido como um acontecimento novo e refrescante, como a surpreendente descoberta de uma fundamental afinidade de perspectivas, a qual explica pelas comuns fontes de inspiração. Escreve Vaihinger: “Por aquela época, por volta de 1898, apareceu algo de novo no meu horizonte espiritual. [...] Li pela primeira vez os escritos de Nietzsche. Aqui estava uma fonte de águas absolutamente frescas, aqui estavam ideias independentes das problematizações e formulações tradicionais e estas ideias revolucionárias coincidiavam em muitos pontos com as minhas: na minha obra “Nietzsche como filósofo” indiquei isso discretamente.”⁹

Se, como disse acima, a leitura de Nietzsche não teve qualquer papel na gênese e na concepção vaihingeriana do *Als Ob*, teve-o sim na confirmação da pertinência dessa concepção e na decisão do seu autor de publicar por fim a obra em que a expusera, decorridas mais de três décadas sobre a sua primeira redacção. Isso o diz o próprio Vaihinger nas “Vorbemerkungen zur Einführung” à 1ª edição de *A filosofia do como se*: “Quando, no final dos anos 90, eu li Nietzsche, em relação ao qual até então me tinha mantido afastado por exposições secundárias e falsas, reconheci, para meu grato espanto, um profundo parentesco da completa compreensão da vida e do mundo, que em parte remete para as mesmas fontes: Schopenhauer e F. A. Lange. A partir do momento em que eu conheci Nietzsche, este grande libertador, tomei a decisão de fazer publicar ainda no meu tempo de vida a minha obra que jazia na gaveta e à qual estava destinado vir a ser um *Opus postumum*. Pois eu podia agora esperar que o ponto a que eu chegara, a doutrina das representações falsas mas necessárias, poderia começar a ser compreendida, uma vez que também em Nietzsche ela se encontra. Por certo, nele apenas como um dos muitos tons da sua rica e polifónica natureza, ao passo que em mim como princípio exclusivo, mas também por isso mais claro, mais consequente, mais sistemático. Um Apêndice especial (p.771-790) expõe as coincidências neste ponto. A maior parte dos desenvolvimentos de Nietzsche a respeito deste problema provêm da sua última fase; mas é digno de nota que as declarações

9 No Pref. à 2ª ed. (ed. cit., 1918, pp.III-IV): “Um jene Zeit, ca. 1898, trat ein Neues in meinen geistigen Horizont ein, die Bekanntschaft mit den Schriften Nietzsches. [...] Um jene Zeit also, 1898, lernte ich Nietzsches Schriften erst kennen, wie ich dies in den folgenden “Vorbemerkungen zur Einführung” schon in der 1. Aufl. geschildert habe. Hier war ein ganz frisches Quellwasser, hier waren Ideen, unabhängig von den traditionellen Fragestellungen und Formulierungen – und diese revolutionären Ideen deckten sich in vielen Punkten mit den meinigen: in meiner Schrift “Nietzsche als Philosoph” habe ich das leise angedeutet.”

fundamentais a este respeito provenham da mesma época, na qual também esta obra nasceu, dos anos 70.”¹⁰

Na 1ª edição de 1902 do seu Nietzsche-Buch, Vaihinger vê-se na necessidade de situar Nietzsche relativamente a algumas concepções filosóficas, e a melhor forma que encontra para o fazer é por contraposição: Nietzsche é um filósofo *anti*: anti-metafísico, anti-espiritualista, anti-absolutista, anti-teleológico, anti-hedonista, anti-egoísta, anti-utilitarista, anti-cristão, anti-romântico, anti-democrático, anti-liberal, anti-humanista, anti-nacionalista, anti-alemão. Noutra versão a lista é redutível a sete “tendências principais”: anti-moralismo, anti-socialismo, anti-democratismo, anti-feminismo, anti-intelectualismo, anti-pessimismo, anti-cristianismo. Num Apêndice à 3ª edição de 1904, são acrescentadas mais duas tendências características, as quais, na verdade, mais não são do que uma especificação da tendência anti-metafísica: Nietzsche é agora caracterizado também como um anti-platónico e um anti-kantiano. Escreve Vaihinger: “Nietzsche não é apenas antiplatónico, mas também *antikantiano*. E por certo um dos mais perspicazes e também mais injustos adversários de Kant. Kant transformou os objectos da antiga metafísica de seres conhecíveis em “coisas-em-si” incognoscíveis. Mas também esta doutrina está contra o sentido de Nietzsche, e o sentido de Nietzsche está contra ela. Esta doutrina é para ele apenas uma metafísica camuflada e por isso ele luta contra ela como luta contra quase todas as outras posições de Kant. Em Platão e Kant, como em quase todos os metafísicos Nietzsche vê defensores

10 “Als ich Ende der 90Jahre Nietzsche las, dem ich bis dahin, durch falsche sekundäre Darstellungen abgeschreckt, fern geblieben war, erkannte ich zu meinen freudigen Erstaunen eine tiefe Verwandtschaft der ganzen Lebens- und Weltauffassung, die teilweise auf dieselben Quellen zurückgeht: Schopenhauer und F. A. Lange. Damals, als ich Nietzsche, diesen grossen Befreier, kennen lernte, fasste ich den Entschluss, mein im Pulte liegendes Werk, dem die Rolle eines *Opus postumum* zugehört war, doch noch bei Lebzeiten erscheinen zu lassen. Denn ich durfte nun hoffen, dass der Punkt, auf den es mir ankam, die Lehre von den bewusstsfalschen, aber doch notwendigen Vorstellungen, eher Verständnis finden werde, da er auch bei Nietzsche sich findet: freilich bei ihm nur als einer der vielen Töne seiner reichen, polyphonen Natur, bei mir als ausschliessliches Hauptprinzip, aber vielleicht darum auch klarer, konsequenter, systematischer. Ein besonderer Anhang (S.771-790) legt die Koinzidenzen in diesem Punkte dar. Die meisten Ausführungen Nietzsche's über dies Problem stammen aus seiner späten Zeit; aber es ist bemerkenswert, dass Nietzsche's grundlegende Ausserungen hierüber aus derselben Zeit stammen, aus den 70er Jahren, in denen auch die vorliegende Schrift entstanden ist.” *Die Philosophie des Als Ob [PAO]*, pp.XIV-XV.

da ideia do Incondicionado e do Absoluto, e é contra estas ideias que aponta as setas das suas sátiras.¹¹

Vejam os alguns tópicos da interpretação vaihingeriana de Nietzsche enquanto filósofo. Em primeiro lugar, o Professor de Halle sente a necessidade de responder às objecções que na época se levantavam contra o reconhecimento do teor filosófico dos escritos de Nietzsche, a saber: o serem obra de um escritor da moda que em breve cederia o lugar a outro escritor da moda; a falta de sistematicidade e até a incongruência que os caracteriza; o serem, enfim, obra de um espírito doente. Consentia-se que Nietzsche pudesse ser apreciado como um escritor brilhante, que seduzia pelo seu estilo poético, retórico e simbólico e pelo carácter crítico, assistemático, fragmentário e até contraditório do seu pensamento de polemista e demolidor. Mas não se admitia facilmente que ele merecesse ser considerado como um verdadeiro filósofo.¹² Não aceitando tais preconceitos, Vaihinger propõe-se a tarefa de identificar o núcleo da visão nietzscheana do mundo e compreendê-la ao mesmo tempo geneticamente e na sua peculiar coerência, convicto que está de que uma obra que tivera um tão poderoso impacto não podia deixar de ter uma profunda substância e uma relevante mensagem que era preciso trazer à luz. E, no final do seu livro, o autor sente-se autorizado a concluir que os pensamentos de Nietzsche, apesar da sua forma aforística e da sua sequência assistemática, expõem uma conexão logicamente satisfatória e decorrem, com imaneente necessidade, de um princípio fundamental constituindo um círculo fechados; e que, desde que se compreenda o filósofo no núcleo do seu pensamento, se entendem até mesmo as suas afirmações aparentemente mais paradoxais como consequências ainda daquele princípio fundamental.¹³

11 „Nietzsche ist aber nicht bloss Antiplatoniker, er ist auch *Antikantianer*. Und zwar einer der schärfsten und wohl auch ungerechtesten Gegner Kants. Kant hat die Objekte der alten Metaphysik aus erkennbaren Seienden in unerkennbare „Dinge an sich“ verwandelt. Aber auch diese Lehre ist gegen Nietzsches Sinn, und Nietzsches Sinn ist gegen sie. Diese Lehre ist ihm nur verkappte Metaphysik, und so kämpft er gegen sie, wie auch fast gegen alle anderen Positionen Kants. In Platon und Kant, wie überhaupt in den Metaphysikern sieht Nietzsche Vertreter der Idee des Unbedingten, des Absoluten, und gerade gegen diese Ideen richtet er die Pfeile seines Spottes.“ H. Vaihinger, *Nietzsche als Philosoph*, ed. de G. Bleick, p.46.

12 Ainda assim, pela mesma época, surgiram outros ensaios que também resgatavam algum aspecto filosófico da obra e pensamento de Nietzsche, de que destaco: R. Eisler, *Nietzsche's Erkenntnistheorie und Metaphysik* (1902) e F. Rittelmeyer, *Friedrich Nietzsche und das Erkenntnisproblem* (1903).

13 *Ibidem*, p. 44.

Vaihinger tece interessantes observações também a propósito do peculiar estilo aforístico, lírico e simbolista de Nietzsche. E embora não minimize a originalidade do autor de *O nascimento da tragédia* ou de *Assim falava Zarathustra*, aponta alguns pensadores com os quais Nietzsche tem familiaridade em algum aspecto do seu pensamento, sejam eles da Antiguidade, do Renascimento, da Modernidade, ou mesmo do seu século. E, neste último caso, o destaque vai para três nomes: Schopenhauer, Darwin e Lange, os quais, como veremos, são também reconhecidos como decisivos na formação intelectual do próprio Vaihinger. Mas sobretudo ele identifica o princípio fundamental do qual, a seu ver, decorre toda a visão nietzscheana, a saber, da doutrina schopenhaueriana da vontade, de tonalidade pessimista, a qual sofre, porém, sob o influxo do darwinismo, uma inversão num sentido positivo.¹⁴ Desse modo, o pessimismo da filosofia da vontade de Schopenhauer, pela mediação de Darwin, verte-se na filosofia otimista da Vida e da “vontade de viver” (*Wille zum Leben*) que caracteriza o segundo período da produção nietzscheana, e que logo se tornará na filosofia da “vontade de poder” (*Wille zur Macht*), que domina a terceira fase do seu pensamento.¹⁵

Em primeiro lugar e sobre todas domina, pois, em Nietzsche a herança schopenhaueriana: o primado da vontade sobre o intelecto, o entendimento concebido como um órgão subordinado à vida e à vontade, com a consequente relativização do intelecto, da ciência e da verdade e a ideia de que o mundo representado pelo entendimento é mero fenómeno ou aparência enganadora e que, no fundo, nada é verdadeiro. A este fundo schopenhaueriano, de tonalidade pessimista, vai juntar-se o princípio, tomado de Darwin, da energia originária dos instintos que comanda a luta pela vida e é este princípio darwiniano, assumido como uma espécie de vitalismo metafísico, que vai transformar o pessimismo schopenhaueriano numa visão otimista. A luta da vida pela existência tem afinal um sentido: a produção do mais apto e do mais forte. Por conseguinte, as representações enganadoras do intelecto, de que falava Schopenhauer, não são todas igualmente válidas, ou antes, não são todas

14 “Das Grundprinzip Nietzsches ist also die positive Wendung der Schopenhauerischen Willenslehre, unter dem Einfluss des Darwinismus. Aus diesem Grundprinzip fließt die antipessimistische Haltung und Stimmung.” (p.29). Da mesma forma, lê-se na p.21: “Ich will hier sogleich zum voraus sagen, worin der eigentliche Kern und damit auch das eigentliche Verständnis Nietzsches meines Erachtens zu finden ist: Nietzsches Lehre ist positiv gewendeter Schopenhauerianismus, und diese Umwendung (oder, wenn wir wollen, Umwertung“) Schopenhauers geschah unter dem Einfluss des Darwinismus.”

15 *Ibidem*, pp.24-25.

igualmente sem valor. A intervenção do ponto de vista darwinista da selecção e da luta pela existência permite distinguir, entre as representações ilusórias, aquelas que são realmente promotoras da vida e aquelas que são prejudiciais à vida. Existe uma selecção entre elas e só sobrevivem as que promovem a vida, sendo as restantes abandonadas. É a essas ilusões que promovem a vida que os homens chamam “verdades”. A orientação anti-intelectualista de Nietzsche eleva-se assim a uma poderosa inversão do tradicional conceito de verdade. A aparência (*Schein*) é colocada ao serviço da vontade de viver e o próprio enganar ou iludir (*Schweigen*) perde o seu sentido negativo e ganha um carácter positivo, como meio para promover a vida, como órgão da vida, como instrumento do poder.¹⁶

3. Da descoberta do Nietzsche filósofo à descoberta do Nietzsche kantiano

Um aspecto a assinalar é a afinidade reconhecida por Vaihinger entre a sua visão ficcionalista e aspectos essenciais da visão nietzscheana do mundo. Sem que tal implique uma completa identidade de posições, há contudo uma predisposição para apreciar positivamente e até favoravelmente as posições do profeta de Zaratustra. Essa afinidade é por ele explicada como decorrente da comum genealogia intelectual, das influências que marcaram um e outro e que são as mesmas, embora por certo recebidas diferentemente, a saber: Schopenhauer, Darwin e Lange. E, é claro, também Kant, um certo Kant.

No que respeita à sua relação com Lange, referindo-se à publicação da 2ª ed. de *História do materialismo* (no inverno de 74/75), escreve Vaihinger, sublinhando como neste pensador encontrou uma simbiose fecunda de Schopenhauer e de Kant, cujas filosofias também o haviam já tocado de forma decisiva a ele próprio: “Finalmente encontrei a obra de um homem que eu procurava tantas vezes sem êxito nos quatro anos de Tübingen: o guia, o mestre, o “professor no ideal”. O espírito que mais ou menos claramente

16 *Ib.*, p. 36: “Aber die trügerischen Vorstellungen des Intellekts sind doch nicht alle gleichwertig oder vielmehr gleich wertlos: hier kommt nun der Darwinistische Standpunkt korrigierend hinzu. Unter den Scheinvorstellungen sind einige lebensfördernd, andere lebenshemmend; es findet eine Selektion unter denselben statt, und es bleiben nur diejenigen übrig, welche lebensfördernd sind, die anderen gehen unter. Solche lebensfördernden Illusionen nennen die Menschen “Wahrheit”. So steigert sich die anti-intellektualistische Richtung Nietzsches hier zu einer gewaltigen Umwertung des bisherigen Wahrheitsbegriffes: auch der Begriff der Wahrheit. Der vom Einfluss des Willens unabhängig Schein, wird nun in den Dienst des Lebenswillens gestellt; der Begriff des Schweigens verliert seinen negativen Sinn und erhält einen positiven Charakter als Mittel zum Leben, als Organ des Lebens, als Instrument der Macht.”

me impulsionava para a frente – nele reinava com total clareza e, ao mesmo tempo, de forma perfeita. De um lado, o mais elevado respeito aos fatos, conhecimentos exactos das ciências naturais, e, ao mesmo tempo, domínio de toda a história das civilizações. Do outro lado, o criticismo kantiano, porém temperado e ampliado por Schopenhauer, e, sobretudo, grande ímpeto ético e, em relação aos dogmas religiosos, radicalismo rigorosíssimo na teoria, combinado com tolerância generosa na prática, Eu aspirava a tudo isso sem encontrar todas estas qualidades reunidas em um só pensador. Estava, pois, diante de mim o que procurava e almejava, uma perfeita obra de mestre. A partir desse momento, designei-me discípulo de F. A. Lange... A *História do materialismo* era tão fértil para os meus estudos específicos daquele tempo porque eu considerava F. A. Lange no caminho certo em relação ao problema metódico das ficções. Mas, no que diz respeito a este ponto, ele se mostrava inseguro e vago, de modo que eu podia esperar ir ainda mais fundo nesta questão específica com os meus estudos.”¹⁷

Vaihinger considera Lange o verdadeiro iniciador do movimento de “regresso a Kant” que se desenvolveu na Alemanha no último quarto do século XIX. Numa nota ao seu tardio ensaio autobiográfico, ele próprio interpreta as vias que tomou esse movimento, chamando a si a protagonização de uma delas, nestes termos: “Partindo do neokantianismo de um F. A. Lange, se podia optar por duas vias diferentes: ora se desenvolvia com mais precisão o ponto de vista kantiano, baseando-se numa investigação mais fina e mais fiel do ensino de Kant, o que foi feito por Cohen; ora se combinava o neokantianismo de Lange com o empirismo e o positivismo. Isto foi feito pela minha *filosofia do como se*, a qual conduz também a uma investigação mais aprofundada da teoria kantiana do *como se*”.¹⁸

Na primeira edição de *A filosofia do como se*, Vaihinger publica no próprio rosto da obra um excerto de uma carta de Lange, na qual este lhe declara “estar convencido de que o ponto posto em realce naquela obra haveria de

17 Apud *A filosofia do como se*, trad. portuguesa de J. Kretschmer, Argos-Unochapecó, Chapecó, 2011, p. 690.

18 “Vom Neukantianismus eines F. A. Lange aus konnten zwei verschiedene Wege eingeschlagen werden, entweder konnte der Kantischen Standpunkt auf Grund genaueren Eindringens in die Kantische Lehre schärfer und treuer herausgearbeitet werden, dies geschah durch Cohen. Oder man konnte den Neukantianismus Langes mit dem Empirismus und Positivismus in Verbindung bringen. Dies ist durch meine Philosophie des Als Ob geschehen, die aber ebenfalls auf ein gründlicheres Eindringen in die Kantische Als-Ob-Lehre führt.” Hans Vaihinger, “Wie die Philosophie des Als Ob entstand”, in Raymund Schmidt (Hrsg.), *Die Deutsche Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen*, Bd. II, Felix Meiner, Leipzig, 1921, p.197.

tornar-se um dia na pedra angular da teoria filosófica do conhecimento” [Ich bin überzeugt, dass der hier hervorgehobene Punkt einmal ein Eckstein der philosophischen Erkenntnistheorie werden wird.]. E uma das secções da Terceira Parte da obra, dedicada às “Confirmações históricas” (Historische Bestätigungen) da doutrina do *Als Ob*, é dedicada a Lange (“Friedrich Albert Langes ‘Standpunkt des Ideals’”), apontando-se nela a matriz e a genuína origem kantiana do núcleo do pensamento deste pensador, mesmo se este nem sempre reconheceu expressamente a inspiração kantiana das suas ideias.¹⁹

Também o jovem Nietzsche havia reconhecido o papel que a leitura daquela mesma obra de Lange (na sua primeira edição) tivera na sua formação, associando-o, aliás, expressamente a Kant e a Schopenhauer. Fê-lo numa carta de Novembro de 1866 a Hermann Muschacke, onde se lê: “A mais significativa obra filosófica que saiu no último decénio é sem dúvida a *História do materialismo* de Lange, acerca da qual eu poderia escrever um longo elogio. Kant, Schopenhauer e este livro de Lange – eu não preciso de mais nada.”²⁰ Nessa fase, o Kant que lhe interessava, ou que ele conseguia ver, era o que lhe era projectado seja pela leitura de Schopenhauer seja pela de Lange.

No seu Nietzsche-Buch, não há ainda, como disse, qualquer alusão positiva de Vaihinger à relação de Nietzsche com Kant. E mesmo a breve referência ao antikantianismo de Nietzsche só aparece na 3ª edição de 1904. Creio, pois, que se pode inferir que só após esta data ele terá descoberto tal relação e que só a terá explicitado na fase de reelaboração de *A filosofia do como se*, concluída, como vimos, na primavera de 1911. Como se deu a mudança de perspectiva, ou a descoberta deste Nietzsche kantiano?

Só podemos conjecturar. Havia, é claro, a percepção reconhecida de uma certa afinidade de tópicos, que se interpretava como decorrendo das comuns influências recebidas que conduziram o próprio Vaihinger à sua *Filosofia do como se*, com destaque para as de Kant, de Schopenhauer e de Lange. E entretanto foram publicados postumamente alguns escritos nietzscheanos de juventude, nomeadamente o ensaio *Sobre verdade e mentira num sentido extra-moral*, que será já comentado por Vaihinger no seu Apêndice e que se pode considerar como o *organon* do modo de pensar nietzscheano e até mesmo como um verdadeiro “discurso do método” do que se poderia chamar uma

19 PAO,753-771. Vaihinger havia-se já ocupado de uma apreciação do significado da referida obra de Lange, no seu estudo: *Hartmann, Dühring und Lange. Zur Geschichte der deutschen Philosophie im XIX. Jahrhundert. Ein kritische Essay*, J. Baedeker, Iserlohn, 1876.

20 Nietzsche, *Sämtliche Briefe*, Walter de Gruyter, Berlin, 1986, Bd. 2, 184.

Metaforologia transcendental. Nesse ensaio, respondendo à pergunta “O que é afinal a verdade?” - Nietzsche escreve: “É um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, uma suma de relações humanas, que foram poética e retoricamente sublimadas, transpostas, adornadas, e que, depois de um longo uso, parecem a um povo como firmes, canônicas, vinculativas: as verdades são ilusões que esquecemos que o são, metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível, moedas que perderam a sua imagem e que agora são tidas não já como moedas mas apenas como metal.”²¹

Vaihinger, que tinha escrito em 1900 um ensaio no qual propunha que se considerasse Kant não apenas como um metafísico mas também como um metafórico,²² ao ler aquele ensaio de Nietzsche, só podia associar os dois pensadores como ligados numa causa filosófica comum. Seja como for, no referido Apêndice à obra de 1911, aparecem mais duas fontes de inspiração de Nietzsche, para além de Schopenhauer e Darwin, que haviam sido já apontados no Nietzsche-Buch. São elas precisamente F. A. Lange e Kant. E sugere-se mesmo a decisiva mediação de Lange na recepção por Nietzsche da influência kantiana, sendo que o autor de *O nascimento da tragédia* é agora também explicitamente reconhecido como fazendo parte da família dos filósofos do *Als Ob*. E é deste modo que Kant, o filósofo que denunciara as ilusões transcendentais da razão e que caracterizara as ideias da razão como ficções ou invenções da razão (*Dichtungen der Vernunft*), e que, sob a fórmula recorrente do *Als Ob*, concedera tão amplo espaço na sua filosofia ao juízo ficcional, se encontra em inesperada sintonia ou mesmo em afinidade próxima com aquele que mais rude e sumariamente o terá alguma vez criticado. O que, segundo

21 “Was ist also Wahrheit? Ein bewegliches Heer von Metaphern, Metonymien, Anthropomorphismen kurz eine Summe von menschlichen Relationen, die, poetisch und rhetorisch gesteigert, übertragen, geschmückt wurden, und die nach langem Gebrauche einen Volke fest, canonisch und verbindlich dünken: die Wahrheiten sind Illusionen, von denen man vergessen hat, dass sie welche sind, Metaphern, die abgenutzt und sinnlich kraftlos geworden sind, Münzen, die ihr Bild verloren haben und nun als Metall, nicht mehr als Münzen in Betracht kommen.” *Ueber Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne, Sämtliche Werke* (Kritische Studienausgabe), Bd. I, 880-881.

22 Hans Vaihinger, “Kant - ein Metaphysiker? “ in *Philosophische Abhandlungen. Christoph Sigwart zu seinem 70. Geburtstag von einer Reihe von Fachgenossen gewidmet*, Tübingen, 1900, pp.133-158 (o ensaio será replicado de forma abreviada em artigo da *Kant-Studien*, 7, 1902, 117): “Dem Schlagwort, ‘Kant ein Metaphysiker’ kann man das gleichwertige gegenüberstellen: ‘Kant ein Metaphoriker.’” Também Rudolf Eucken havia publicado, já em 1883, um ensaio chamando a atenção para a presença e o significado das metáforas na obra de Kant: “Über Bilder und Gleichnisse bei Kant. Ein Beitrag zur Würdigung des Philosophen”, *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, 83 (1883), 161-193 (retomado nos *Beiträge zur Einführung in die Geschichte der Philosophie*, Leipzig, 1906, 55-82).

Vaihinger, sobretudo liga Nietzsche a Kant é o tema das ficções – a doutrina das representações conscientemente falsas e todavia necessárias, aquilo a que Nietzsche chamara a “vontade de aparência” ou “vontade de ilusão” e que contrapusera à “vontade de verdade”, que teria dominado todo o pensamento ocidental, seja na ciência ou na filosofia.

No seu “Apêndice sobre Kant e Nietzsche”, cujo verdadeiro título é “Nietzsche e a sua teoria da aparência conscientemente querida» (A vontade de aparência)” - “Nietzsche und seine Lehre vom bewusst gewollten Schein” (“Der Wille zum Schein”)” -, Vaihinger propõe-se mostrar como a ideia de ficção (de aparência, de ilusão) trabalha toda a filosofia de Nietzsche e já desde os ensaios de juventude, da mesma forma que, na Terceira Parte da obra, mostrara que a doutrina do *Als Ob* trabalha em profundidade e extensão toda a obra de Kant até às últimas reflexões do *Opus postumum*. O que resulta desta nova leitura de Nietzsche é a reivindicação deste para a história do neokantismo, pela via aberta por Lange e trilhada também pelo próprio Vaihinger. Com o seu estilo peculiar, Nietzsche seria então um kantiano que se ignora e que também os seus contemporâneos ignoraram, porque se deixaram ludibriar com as críticas pontuais, mas por vezes muito ferozes, que o criador de Zarathustra dirigiu contra o mal-compreendido filósofo crítico e a sua filosofia. No fundo, porém, segundo Vaihinger, a doutrina nietzscheana da ilusão é inspirada por Lange e pela interpretação que este fizera de Kant. Pela primeira vez se reconhece e se põe em evidência esta a origem kantiana ou mesmo “neokantiana» da doutrina de Nietzsche, pela mediação de Lange. Escreve Vaihinger: “Até agora houve uma total falta de reconhecimento desta origem kantiana ou, se se prefere, neokantiana da doutrina nietzscheana. [...] Nietzsche tem de facto muito de Kant, não, por certo, do Kant dos livros escolares, [...] mas do espírito de Kant, do autêntico Kant, aquele que viu a aparência até às suas mais profundas raízes, mas que, tendo visto em profundidade a aparência, também viu e reconheceu com consciência a sua utilidade e necessidade.”²³

O referido Apêndice constitui um rastreio do tema da ilusão e dos tópicos conexos (ilusão, perspectivismo, como se, metáfora, mentira) nos escritos

23 “All dies hat Nietzsche schon bei F. A. Lange vorfinden können. Man hat diesen Kantischen, oder wenn man lieber will, Neukantischen Ursprung der Nietzscheschen Lehre bisher vollständig verkannt. ... Nietzsche hat tatsächlich sehr viel von Kant, freilich nicht von dem Kant, wie er in den Schulbüchern steht [...], sondern vom Geiste Kants, des echten Kant, der den Schein bis in seine tiefsten Wurzeln durchshaut, aber auch die Nützlichkeit und Notwendigkeit des durchsahen Scheins mit Bewusstsein erkennt und anerkennt.” *Die Philosophie des Als Ob*, 772.

de Nietzsche das várias fases, mesmo nos escritos de juventude, apontando a proximidade com as posições kantianas, e sublinhando esta proximidade uma e outra vez com declarações e exclamações enfáticas do tipo: “ganz Kantisch!” O Apêndice termina com a ideia sugerida por alguns escritos de Nietzsche do 3º período, precisamente um dos mais ostensivamente anti-kantianos (*Also sprach Zarathustra, Jenseits von Gut und Böse, Genealogie der Moral, Götzendämmerung, Antichrist*), de uma “Metafísica do como se” (*Metaphysik des Als Ob*), a qual encarasse de frente a seguinte questão: que papel desempenha a ilusão ou a aparência no todo do acontecer mundano e como se deve considerar e valorizar este acontecer a partir do qual se produz necessariamente a ilusão? Num tal programa, a ilusão ou aparência seria concebida não já apenas como a lógica do pensamento humano, mas como a lógica do mundo, como o próprio jogo do ser consigo mesmo. A criação estética e a ilusão poética é que nos permitiriam, então, o melhor vislumbre acerca do modo da criação do ser como um eterno representar e falsear. A vontade de aparência, de ilusão e de engano revelar-se-iam assim como tendo mais profundidade metafísica do que a vontade de verdade dos cientistas e metafísicos. E assim conclui Vaihinger: “Desde este ponto de vista, a aparência não deve já ser lamentada e combatida pelos filósofos, como foi até agora, mas, na medida em que é útil e valiosa e ao mesmo tempo se evidencia como esteticamente intocada, a aparência deve ser afirmada, desejada e justificada. O “perspectivismo” é-nos “necessário”.²⁴

Não fosse a doença que o acometeu nos últimos anos e Nietzsche teria talvez reencontrado o caminho que havia sido tomado por Kant, que ele tão mal e injustamente interpretou e que fora também percorrido por F. A. Lange, de quem recebeu forte e reconhecida influência na juventude. Tal a convicção de Vaihinger.²⁵

24 “Von diesem Standpunkt aus ist der Schein nicht mehr wie bisher von den Philosophen zu beklagen und zu bekämpfen, sondern der Schein ist, soweit er als nützlich und wertvoll, sowie als ästhetisch einwandfrei sich herausstellt, zu bejahen, zu wollen und zu rechtfertigen. Der „Perspektivismus“ ist uns „notwendig““. *Ibidem*, 788.

25 *Ibidem*, 790. “Diese Äusserungen sind die Vorboten einer weiteren, letzten Entwicklungsperiode Nietzsches, die durch seine Erkrankung abgeschnitten worden ist. Nietzsche wäre unfehlbar auf den Weg gelangt, welchen der von ihm so sehr missverstandene Kant eingeschlagen hat, und auf welchen auch F. A. Lange wandelte, von welchem Nietzsche in seiner Jugend so stark beeinflusst war: er hätte den „Antichrist“ nicht zurückgenommen, dessen einschneidende Wahrheiten einmal gesagt werden mussten, aber er hätte „die Kehrseite der schlimmen Dinge“ mit derselben rücksichtslosen Offenheit ans Licht gestellt: er hätte die Nützlichkeit und Notwendigkeit der religiösen Fiktionen „gerechtfertigt““.

Esta surpreendente e inesperada aproximação de Nietzsche a Kant é, sem dúvida, sugestiva e fecunda, tanto para a hermenêutica da filosofia kantiana como da filosofia nietzscheana e, é claro, para uma reavaliação da relação desta com aquela. E merece bem ser ainda trabalhada, de modo a perceber-se melhor o teor dessa aproximação possível entre os dois filósofos e o modo como o programa nietzscheano responde, por continuidade, antítese e aprofundamento, ao próprio programa kantiano. O que, no fundo, une os dois pensadores é a valorização que cada qual a seu modo faz da ficção poética e, graças a isso, o reconhecimento da importância da poética da ficção como sendo o trabalho fundamental da actividade criadora do espírito.²⁶ Quando Nietzsche escreve que “a Filosofia é uma forma de poesia... , a poesia para além dos limites da experiência” (*Die Philosophie ist eine Form der Dichtkunst... ist die Dichtkunst ausser der Grenzen der Erfharung*)²⁷, é como se estivesse a interpretar a afirmação de Kant segundo a qual as ideias são “poemas da razão” (*Dichtungen der Vernunft*)²⁸, as quais todavia já não são capazes de enganar o filósofo crítico, prevenido que está pela crítica contra a ilusão transcendental que as toma por designação de realidades objectivas, mas sem por isso as rejeitar, pois que elas correspondem à teleologia mais íntima e às necessidades mais essenciais da razão que as inventa de si própria e para si própria.

4. O Kant de Vaihinger e o Kant de Nietzsche

A interpretação vaihingeriana de Nietzsche permite não só estabelecer uma relação dual de Nietzsche com Kant, mas também uma relação triangular que liga Kant, Nietzsche e o próprio Vaihinger. O que os liga é o ficcionalismo, a ideia das ilusões ou aparências conscientemente falsas mas necessárias, o *Als*

26 Veja-se, a propósito, o meu ensaio “Hans Vaihinger: o Kantismo como Ficcionalismo?”, in Leonel Ribeiro dos Santos *et alii* (coord.), *Kant: Posteridade e Actualidade*, CFUL, Lisboa, 2007, pp.515-536; reeditado sob o título “As ficções da Razão. Hans Vaihinger ou o Kantismo como ficcionalismo”, in Leonel Ribeiro dos Santos, *Ideia de uma Heurística Transcendental. Ensaio de Meta-epistemologia Kantiana*, Esfera do Caos, Lisboa, 2012 (pp 177-203).

27 F Nietzsche, *Nachgelassene Fragmente, Sämtliche Werke*, ed. G. Colli-M. Montinari, Berlin, Wde Gruyter, Bd. VII, 439. Também Novalis dizia que “a Filosofia é o Poema do entendimento” (*Das Poem des Verstandes ist Philosophie*). Novalis, *Schriften*, WBG, Darmstadt, 1981, Bd.2, *Das philosophische Werk I*, 531.

28 A expressão é recorrente no *Opus postumum* (Ak XXI, 101-102), podendo ser vertida por “poemas”, “invenções”, “produções”, “ficções”... e é nesse sentido que, já na *Crítica da razão pura*, as ideias são chamadas “heuristische Fiktionen” (Ak III, 503).

Ob. Sobre a originalidade da leitura vaihingeriana de Kant e a sua fecundidade especulativa, basta ter presente a sua influência na segunda década do século XX. E se essa influência esmoreceu ao longo da terceira década e se a obra de Vaihinger veio a ser severamente criticada por outros kantianos como inadequada interpretação da filosofia de Kant,²⁹ isso em nada diminui a sua importância, a qual volta a ser reconhecida na actualidade.³⁰ Se não é sustentável colocar toda a filosofia kantiana à conta do *Als Ob*, pelo menos não se pode recusar a Vaihinger o mérito de ter descoberto e ter posto em evidência esse aspecto verdadeiramente fundamental do pensamento kantiano.

Mas que lucro resulta do reconhecimento desta relação genealógica para a compreensão da filosofia de Nietzsche e da filosofia de Kant? Para além do Kant “teórico do conhecimento” e “metafísico”, teríamos assim um Kant ficcionalista, conjecturalista e esteta, que alguns poderão entender num sentido meramente negativo como fenomenalista, relativista e céptico. Mas Nietzsche? Como pôde ele enganar-se tão rotundamente e passar a ver em Kant apenas um inimigo, em vez de reconhecer nele um parceiro?

Há efectivamente uma arcaica relação de Nietzsche com Kant e a sua filosofia que não deve ser descurada, mesmo se ela vem a ser posteriormente reprimida e negada. Se tivermos em conta o ensaio acima citado do ano 1873, *Sobre a verdade e a mentira num sentido extra-moral*, que traça o esboço do que chamei uma Metaforologia transcendental, pode dizer-se que ele cumpre a sugestão dada por Kant no § 59 da sua *Crítica do juízo* no sentido de se empreender uma investigação acerca dos fundamentos ou pressupostos

29 Erich Adickes, *Kant und die Als-Ob Philosophie*, Fr. Frommanns Verlag, Stuttgart, 1927. Para uma apreciação desta crítica de Adickes e, em geral, da interpretação vaihingeriana da filosofia de Kant, veja-se o meu ensaio citado na nota anterior.

30 Uma prova disso pode ver-se nas recentes traduções da obra para o romeno (*Filosofia lui Ca si Cum*, Ed. Nemira, Bucareste, 2001), para o francês (*La philosophie du comme si. Système des fictions théoriques, pratiques et religieuses de l'humanité, sur la base d'un positivisme idéaliste*, trad. e prefácio de Christophe Boriau, Éditions Kimé, Paris, 2008) e para o português. E também em estudos recentes, de que destaco: Bernd Dörflinger / Günter Kruck (Hrsg.), *Über den Nutzen von Illusionen. Die regulativen Ideen in Kants theoretischer Philosophie*, Georg Olms, Hildesheim, 2011 (onde, nas pp. 29-46, se encontra o ensaio de Claudio La Rocca - “Formen des Als-Ob bei Kant”); Christophe Bouriau, “Vaihinger and Poincaré: An Original Pragmatism?”, in: Michael Heidelberger / Gregor Schliemann (eds.), *Significance of the Hypothetical in the Natural Sciences*, Berlin/ New York, Walter de Gruyter, 2008, pp. 221-250; Klaus Ceynowa, *Zwischen Pragmatismus und Fiktionalismus. Hans Vaihingers “Philosophie des Als Ob”*, Königshausen & Neumann, Würzburg, 1993; Leonel Ribeiro dos Santos, “Las ficciones de la Razón, o el Kantismo como Ficcionalismo. Una reapreciación de *Die Philosophie des Als Ob* de Hans Vaihinger”, *Devenires. Revista de Filosofía y Filosofía de la Cultura*, IX, nº 18, Julio 2008, pp.25-52 (tradução castelhana por Eduardo Pellejero do ensaio referido nas notas 23 e 24).

metafóricos que estão na base dos próprios conceitos filosóficos. Kant diz aí que essa questão “merecia bem uma investigação mais aprofundada”³¹, que ele próprio todavia não chega a realizar. Ora, é como se Nietzsche, naquele seu ensaio, respondesse ao desafio lançado por Kant. Não sendo directamente demonstrável uma inspiração kantiana das reflexões de Nietzsche acerca da invenção de metáforas como um instinto fundamental do homem (no fundo, gerido pela imaginação), ela não é todavia de rejeitar. Nietzsche lera o texto da terceira *Crítica* kantiana, a partir de 1868, tendo trabalhado um dos seus temas maiores – a Teleologia – com vista à redacção de uma Dissertação intitulada precisamente *Die Teleologie seit Kant*. Numa carta a Vischer, presumivelmente de Janeiro de 1871, ele confessa: “Dos mais recentes filósofos, eu estudei com especial predilecção Kant e Schopenhauer. Nos dois últimos anos, eles ganharam por certo a minha boa fé...”³².

Pelos apontamentos e esboços do que deveria ser a referida Dissertação, nunca porém concluída, podemos ainda assim ver como Nietzsche aprendeu com Kant que, para além do seu poder explicativo ou científico, os conceitos e sistemas filosóficos têm também um sentido e um valor estéticos, sendo levado mesmo a escrever que “a teleologia é, tal como o optimismo, apenas um produto estético” [*Die Teleologie ist wie der Optimismus nur ein ästhetisches Produkt*].³³ Mais decisiva ainda me parece ser a própria interpretação que da filosofia de Kant faz Nietzsche nos escritos da sua primeira fase, e a que já me referi acima. Kant era aí considerado como um dos filósofos que antecipam a consciência de uma visão trágica e artística do mundo, em cuja filosofia a consciência filosófica se transcende na experiência estética da teleologia da razão e da natureza, em cuja obra a ciência mesma é superada pelas “forças mitopoiéticas” e pelo “instinto mítico”.³⁴ Tivesse Nietzsche lido isso directamente na *Crítica do juízo*, como cremos ter sido possível, ou tivesse sido advertido para tal pela mediação de Schopenhauer e sobretudo de Lange, como sustenta Vaihinger, não há dúvida, porém, de que já o seu pensamento da primeira fase aponta claramente no sentido de uma filosofia do *Als Ob* e representa, sob esse aspecto, um verdadeiro retorno a Kant e o desenvolvimento

31 I. Kant, *Kritik der Urteiskraft*, Akademie-Ausgabe, Bd. V, 352.

32 F. Nietzsche, *Sämtliche Briefe*, III, 177.

33 “Die Teleologie seit Kant”, in F. Nietzsche, *Gesammelte Werke*, (Musarion-Ausgabe) München, 1922, Bd. I, 410.

34 *Nachgelassene Fragmente*, *Sämtliche Werke*, VII, 439.

de uma das dimensões fundamentais do filosofar kantiano, raramente tida em consideração, e que coube ao seu contemporâneo Vaihinger pôr em toda a evidência, mas numa obra que, pela tardia data da sua publicação, ele já não pode ler. Assim, quando no citado ensaio de 73 Nietzsche pergunta - “O que é então a verdade?” – e responde: “é um exército de metáforas em movimento”; quando ele, nesse mesmo ensaio, diz que “acreditamos saber algo acerca das coisas mesmas, [...] mas na verdade nada mais possuímos do que metáforas das coisas, as quais não correspondem de modo nenhum às respectivas essencialidades originárias»³⁵ – ele culmina, porventura sem o saber, um longo processo de olhar crítico da razão orientado sobre si mesma e sobre os seus próprios procedimentos. Uma razão que consciencializa e julga a sua própria maneira de proceder, como é a razão crítica, haveria de questionar não apenas os limites do conhecimento, ou o método e o estatuto científico da metafísica, como fez Kant, mas ser levada a perguntar também alguma vez pela condição e natureza da sua própria linguagem, pela condição e natureza da linguagem filosófica, ganhando a consciência e a evidência de que também “o filósofo está preso nas malhas da linguagem.”³⁶

35 “Wir glauben etwas von den Dingen selbst zu wissen, [...] und besitzen doch nichts als Metaphern der Dinge, die den ursprünglichen Wesenheiten ganz und gar nicht entsprechen.” *Sämtliche Werke*, Bd. I, p.879.

36 “Der Philosoph in den Netzen der *Sprache* eingefangen.” *Das Philosophenbuch*, *ib.*, 116. Retomo aqui, abreviando-a, uma ideia que pela primeira vez expus na minha dissertação de doutoramento, *Metáforas da Razão ou economia poética do pensar kantiano* (FLUL, Lisboa, 1989; na edição da F. C. Gulbenkian/JNICT, Lisboa, 1994, pp. 64-68). Veja-se também o meu ensaio “O retorno ao mito, ou a herança kantiana de Nietzsche”, in Leonel Ribeiro dos Santos, *A razão sensível. Estudos kantianos*, Edições Colibri, Lisboa, 1994, pp. 117-140 (anteriormente publicado em *Philosophica*, nº 1, 1993, 89-111, sob o título “Retorno ao mito. Nietzsche, a música e a tragédia”).

